Onde e quando nasceu o Padre Verdeixa

Comunicação do sócio efetivo Leonardo Mota

Em sessão do Instituto do Ceará, o escritor Leonardo Mota leu as seguintes palavras:

Sr. Presidente:

Entre os nomes verdadeiramente legendários e inapagaveis na tradição oral dos cearenses, o Padre Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa é dos raros vultos cuja sobrevivência se alicerça sobre anedotas. Uma fama perpetuada por facécias e diabruras, muitas delas autênticas, outras tantas incrivelmente exageradas, e ainda outras, talvez mais numerosas, de pura invencionice dos pósteros. Triste de quem a dicacidade popular destine a bigorna, ou a cabide, de narrativas jocosas! Malham-se, martelam-se nesse coitado, ou nele se dependuram, hilariantes historietas, em as quais a verossimilhança nem sempre é gênero de primeirissima necessidade.

Trasante-ontem — dia 17 — fez sessenta e oito anos e cinco meses que o Padre Verdeixa rendeu a alma ao Criador, e ainda hoje seus ditos espirituosos se realejam, qual se tivessem sido proferidos de véspera, nalguma patuscada rumorosa, alí para os lados da "Rua Amélia", ou aqui, à nossa ilharga, na "Praça Carolina", de tão venturoso destino arquitetônico.

Fala-se muito no Pe. Verdeixa. O que nunca se conseguiu foi biografá-lo. Ignoro se houve sério esforço nesse sentido, mas tenho notícia de que não faltou aquilo de que o inferno é pavimentado. Era assim concebido o artigo 36 do "Programa de Instalação da PADARIA ESPIRITUAL": — "A PADARIA tratará de angariar documentos para um livro, contendo as aventuras do célebre e extraordinário Padre Verdeixa." E, em carta de 21 de Dezembro de 1894, Araripe Júnior perguntava, do Rio, a Antônio Sales: — "Em que pé vai a biografia do Padre Verdeixa?"

Em verdade, em verdade vos digo que a biografia verdeixiana sempre andou ruim dos pés... Os candidatos a biógrafos esmoreciam, estacavam, ante a intransponivel dificuldade inicial: — onde e quando nasceu o Padre Verdeixa?

João Brígido, que foi amigo dele, e dele recebeu muitas atenções, consagrou-lhe as trinta e seis páginas primeiras do livro "O Ceará — Lado Cômico". E esse trabalho caricatural é aberto com

estas textuais palavras desalentadoras: — "Não se sabe, ao certo, se o Padre Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa nasceu no Rio-do-Peixe, da Paraiba, se no Crato, se em Goiana, de Pernambuco. Já nos seus últimos anos de vida, a nós, que vinhamos do Crato, disse ter nascido alí; ao Vigário de Cascavel, que era do Rio-do-Peixe, disse ter nascido no Rio-do-Peixe; a outros dizia coisas diversas. A nossa opinião é que era de Goiana, e tinha vindo dalí, com seu padrasto e sua mãi."

Embora advertido desse confusionismo, que Verdeixa era o próprio a criar em torno de suas origens, sempre me palpitou que ele houvesse deixado o umbigo no Crato. Parecia-me sincera esta confissão, feita da tribuna da Assembléia Provincial: — "Senhores, uma das minhas glórias é ser filho do Crato, berço da liberdade desta provincia e pátria dos primeiros soldados da Independência, que conquistaram a liberdade para si e para as províncias do Piauí e Maranhão, a peso de seu sangue e patriotismo; do Crato, donde surgiu o primeiro brado pela liberdade à Confederação do Equador, sendo por isso chamados os seus filhos de "os espartanos do Norte"."

Por outro lado, afigurava-se-me evidente ter ele nascido em começos do século passado, ou, precisamente, em 1803. Aludindo à insurreição cratense de 1817, ele exclamava, tambem, noutra tirada tribunícia, na Assembléia: — "A Casa sabe que, desde que apareceu o grito da liberdade no Ceará, eu esposei essa causa no fundo do coração; contando catorze anos, eu já sofria por causa da liberdade."

Ora, se em 1817 ele contava 14 anos, claro que vagira em 1803...

Esses dois tópicos de discursos parlamentares foram, até, transcritos na série de artigos a que o venerando Dr. José de Castro Medeiros, em Agosto de 1930, deu publicidade no matutino fortalezense "Gazeta de Noticias".

Mais. Nunca perdí da lembrança haver João Brígido registado que a mãi de Verdeixa acudia pelo adocicado nome de Feliciana.

De posse de tais elementos, e já que o reumatismo não me consentia ir fazê-lo pessoalmente, só me restava confiar a alguem, idôneo, o trabalho de pesquisar, no arquivo da Cúria Cratense, o batistério de Verdeixa.

Escolhí para isso o meu ilustre e querido amigo Padre Antônio Gomes de Araujo. Esse sacerdote é um dos componentes destacados do Clero da Diocese do Ceará Meridional. Leciona no "Ginásio do Crato" e é Fiscal do "Colégio Santa-Teresa". Pedí-lhe que me desse conta de um Alexandre, filho de uma Feliciana e nascido nos albores do século 19...

Nove dias depois, recebia eu uma carta engraçada, mas desconcertante. Meu bastante procurador no Crato dizia-me que campeara, mas não havia topado nenhum Alexandre, cujo pai tivesse a graça de Feliciano... Ri-me do equívoco, e obtemperei que não se tratava de um Alexandre, filho legítimo de um Feliciano, mas de um Alexandre, rebento, talvez pecaminoso, de uma Feliciana que houvesse "facilitado"...

A final, datada de 28 de Fevereiro, e depois das prefaladas idas a venidas, recebí longa e deliciosa missiva do Padre Antônio Gomes, e nesta me chegaram, copiados na íntegra, os termos do assentamento batismal do Padre Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa, o "Canoa Doida". **Audite, cives:**

> "ALEXANDRE, filho natural de Feliciana Maria da Conceição, natural da Vila de Goiana; neto materno do Alferes João Mendes Monteiro, natural da Vila de Goiana, e de D. Maria dos Milagres dos Anjos, natural da mesma Vila de Goiana. Nasceu a 3 de Janeiro de 1803 e foi batizado a 14 do mesmo mês e ano, por mim, Cura abaixo assinado, recebendo os santos óleos nesta Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha da Real Vila do Crato. Foram padrinhos o Tenente Antônio Pereira Pinto e sua tia materna Ana Rita da Luz, do que, para constar, mandei fazer este assentamento, em que me assino: MIGUEL CARLOS SALDANHA."

Julguei, a princípio, que aquele primeiro "natural da Vila de Goiana" se referisse a "Alexandre". No mesmo engano incorreu o nosso prezadíssimo Secretário, Dr. Hugo Vitor, que chegou a escrever um suelto para "O Estado", apresentando Verdeixa como oriundo de Pernambuco. Mas, goianense era Feliciana, depois consorte do acomodado latinista Joaquim Antônio, a quem João Brígido qualifica de "pascácio" e "pobre diabo".

Certifiquei-me de que o primeiro "natural da Vila de Goiana" alude à mãi de Verdeixa, e não a este, por que ainda interpelei o sempre prestativo Padre Antônio Gomes sobre qual fosse a praxe naqueles tempos, isto é, se se costumava declarar a naturalidade dos pimpolhos levados à pia, ou a dos pais dos mesmos. E essa nova indagação foi atendida neste telegrama do dia 18, segunda-feira (1):

---

(1) Lida na sessão de 20 de Março.

"**Leonardo Mota** — Seguindo sua orientação, verifiquei norma consuetudinária em registro somente naturalidade pais e avós do batizado. Abraços. **Padre Gomes.**"

Se não se especifica onde nasceu o batizando, subentende-se naturalmente que ele nasceu na fregusia em que se batizou.

Parece-me, por tudo isso, quebrado o mistério em torno do nascimento do levita famanaz. E todo o mérito do achado deve ser atribuido ao Revdmo. Padre Antônio Gomes de Araujo, sem cuja interferência decisiva continuariam sendo conjeturas as ilações que eu vinha tirando de esparsas leituras discutiveis. O registo eclesiástico é irrecusavel. Agora, **Ecclesia locuta est**...

Lamento que João Brígido já não viva. Ele reconheceria que foi no Crato, e a 3 de Janeiro de 1803, que abriu, sarapantado, os olhos à vida quem tanto fez força por converter este val de lágrimas em val de risos...

Propiciando verificações, aduzo que o registo descoberto pelo Padre Antônio Gomes de Araujo é encontravel à pág. 120 do "Livro de Batizados" de 1803, existente no Arquivo Episcopal do Crato. Trata-se de um volume de 198 páginas e cuja capa, consoante informa o Padre Gomes, "é de couro de carneiro, cru e depilado"...

Havendo porfiado em não divulgar o teor do assentamento batismal de Verdeixa senão depois de o ter comunicado ao Instituto, concluo, dizendo com franqueza que, ao proclamar o Padre Verdeixa cearense e não pernambucano, não sei o que com isso o Ceará está ganhando ou Pernambuco perdendo... Por que o buliçoso primeiro Capelão do Cemitério de São Casimiro, que tanta raiva fez a tanta gente e que, há quase oitenta anos, já chamava as obras do porto de Fortaleza "Obras de Santa Engrácia", aquilo não era gente... Mas, a prova disso fica pra outra ocasião...